

SALMO QUARENTA

De noite, um mal penetra meus
ossos, minhas chagas não dormem.

Jó, 30:17

AQUELES DIAS LONGOS de um árido mês de agosto exibiam belos finais de tarde: na sua despedida, o sol pintava uma porção significativa do céu com os mais diversos matizes do vermelho. O azul cálido que envolvia esse poente de variações rubras adornava a formosa aquarela, anunciando graciosamente o ocaso de mais um dia. O espetáculo de cores atraía a atenção dos poucos transeuntes que se atreviam a erguer os olhos, sempre fixos em suas rotinas tediosas, a fim de observar uma região acima de suas cabeças e de suas vidas diminutas, onde a generosidade ativa da mãe-natureza retirava-lhes, por breves instantes, a certeza da limitada existência humana e os conduzia ao horizonte sem fim, perfeitamente delineado pelos derradeiros raios sanguíneos a preceder a escuridão noturna. Desajeitadamente recostada no banco da condução coletiva que a trazia de volta para casa, Maria assistia, solitária, às cenas daquele pôr-do-sol inefável, entremeadas pelas sombras acidentadas da metrópole. A alta velocidade do veículo tornava indefiníveis as imagens mais próximas, de tal sorte que seu olhar naturalmente fitou o infinito e ali ela submeteu, ao fulgor enfraquecido do sol,

as preocupações e temores que antes a paralisavam, mas que nos últimos tempos, foram aceitos, de alguma forma, como parte integrante da dadivosa concessão que a divina providência chamou vida.

Não fosse o sol, o tráfego desordenado da cidade já teria interrompido as lembranças e perspectivas que a incomodavam. Em situações ordinárias, não relembriaria a conversa que tivera com o marido no dia anterior e também não anteciparia os sofrimentos que seguramente experimentaria naquela noite; uma noite a mais dentre as muitas noites humilhantes já vividas e ainda por viver. Estavam frescas, imóveis no tempo, as palavras do homem com o qual casara há quase vinte anos e que, pela primeira vez, esboçara um arremedo de lucidez em meio à cólera e à grosseria que habitualmente o dominavam.

— Eu não vou mais — ele esbravejava — não vou mais aceitar ser tratado desse jeito. Não vou deixar que gritem comigo, que digam que sou incompetente, que me chamem a atenção como se eu fosse um moleque. Eles querem me fazer desistir, querem que eu peça demissão pra não pagar tudo o que me devem, mas eu não vou pedir. Vão ter que me mandar embora. Se não querem o meu serviço, se não precisam mais de mim, eles que me mandem embora. Por mim, eu não saio. Eu não vou sair. Maria, eu trabalho nessa firma desde os dezesseis anos; desde os dezesseis anos, Maria. Quando a gente casou, eu era chefe de seção, se lembra? Foi por isso que a gente pode casar, porque tinham me colocado como chefe de seção. Eu sei que você sabe, mas eu vou falar, eu preciso falar: foram tirando tudo o que eu conquistei, foram me rebaixando, me passando pra trás, me enganando, inventando mentiras, que

a mudança era importante para a firma e boa pra mim, que era preciso mudar. Hoje eu estou na mesma máquina que eu comecei, Maria, na mesma máquina! Faz três anos que eu voltei para a droga daquela máquina, a mesma de vinte anos atrás. Hoje ela estragou e as peças começaram a sair com defeito; uns defeitinhos. Disseram que a culpa era minha... toda minha. Como eu ia notar um defeito daquele tamanho? Me diz como, Maria? Como? Não tem como! Eles sabem que não tem como. Me humilharam de propósito. Aí você vem e me pede pra ficar calmo? Pra eu me controlar? Como eu vou me controlar, Maria? Não tem como! E quem é você? Você não sabe como as coisas funcionam! Você só sabe limpar casa! Só isso!

Maria não ficou surpresa pelo tom da lamúria; esse formato já era conhecido. A irascibilidade do marido há muito deixara de ser eventual, episódica, não sendo mais possível desvencilhá-la da imagem, das feições daquele homem cujo destino caprichoso resolveu elevar, por alguma razão, à condição de esposo e pai. O inusitado em suas palavras lastimosas foram os reiterados questionamentos, a velada necessidade de se explicar, de se justificar. Maria espantou-se com aquele discurso choroso, aquela lamentação sem fim, quase um pedido de ajuda: fraquezas incompatíveis com alguém de caráter seguro, imperioso, intransigente e, por isso, introspectivo, lacônico, insociável. Assustada, Maria enxergou fragilidade em meio à brutalidade, sentiu repentinamente uma forma canhes-tra de esperança, um alívio intranquilo que a retirou daquele estado contemplativo, do qual emergiu para retornar ao desconforto do seu assento e à tagarelice ruidosa da multidão que

lotava o veículo. Ela pode observar que a grande quantidade de prédios passando rapidamente diante de sua janela impedia a visão do poente. Dali até um certo ponto bem mais adiante, a cidade adensava-se verticalmente e não haveria mais horizonte a ser admirado. A porção visível do céu indicava uma noite clara, estrelada, manchada aqui e ali por algumas nuvens ralas, solitárias. Ainda restava um bom tempo até que chegasse o destino de Maria; consolo que fez a mulher suspirar nervosamente, mantendo-se insensível à confusão da viagem. Cabisbaixa, ela passou a observar suas mãos, a aspereza da pele que as cobria, a calosidade nas palmas, os dedos grossos, e evidência de um esforço ininterrupto, de um cozinhar e lavar e limpar e arrumar sem fim: sua subsistência dependia das eternas fome e sujeira alheias. Não que desejasse choramingar como fizera o marido, mas ocorreu-lhe que talvez ela também fosse frágil, talvez o ódio e o medo que a anestesiaram ao longo dos anos jamais desapareceriam, talvez ela também precisasse gritar: “Me diz como? Como? Não tem como!”.

Levantando vagarosamente até o cotovelo uma das mangas compridas sob as quais sempre se escondia, Maria olhou aquela parte do seu braço manchado e perguntou a si mesma: “Até quando?”. As contusões mais recentes tinham um verde claro e intenso, enquanto as antigas esmaeciam num amarelo opaco. Se o fiapo de ousadia manifestado naquele momento se transformasse numa coragem perene, Maria conseguiria voltar a desnudar-se diante do espelho e assim enxergaria, na sua crueza, a tristeza de um corpo eivado de manchas, os estigmas que maculavam a homogeneidade de sua pele branca e jovem. No seu rosto refletido, não identificaria expressão

alguma, mas a apatia típica dos reiteradamente desprezados, humilhados, violados. Assim, inadvertidamente apática, ela continuou passando os olhos por suas marcas, quando interrompeu em uma delas: não era das mais recentes, mas a dor que ainda lhe causava não se restringia a uma simples mialgia local e irrompia-lhe peito adentro, revolvendo algo profundo, desconexo de sua própria matéria. Quando abraçou o filho para protegê-lo dos socos que o pai lhe desferia, ela pode sentir os músculos convulsos do menino, a umidade de lágrimas e sangue misturados, a respiração ofegante e o coração acelerado. Maria recordou que o agressor não se intimidou ante os dois corpos abraçados à sua frente, ante àquela união de forças menores e prosseguiu esmurrando indiscriminadamente qualquer parte que seus punhos pesados pudessem impingir marcas, abrir feridas, agudizar a dor. As lembranças desse dia no qual o pai se encolerizara por conta de alguma insignificância do filho fizeram-na voltar o rosto para sua janela, escondendo os olhos marejados e os lábios nervosos. Esse pranto contido e breve deu lugar a uma tristeza sufocante, a uma desesperança quase absoluta não fosse a visão que sempre acalentava em momentos difíceis: o filho, adulto e forte, brinca com um casal de crianças felizes, filhos dele, seus netos, netos de Maria, frutos gloriosos de um passado sombrio. Nesse local aprazível, onde passeiam tranquilos seus entes queridos, as cores saturadas da paisagem idílica trazem um certo conforto ao seu fatigado coração de mãe. Num dado momento daquela dinâmica maravilhosa, as personagens param, interrompem suas brincadeiras, interrompem a correria alegre e despreziosa sobre o verde claro da relva, porque notam, ainda longe, a

presença de Maria. O homem sorri, avisa aos filhos que a avó está logo ali e, aos gritos, eles correm em direção à ela. Maria então se ajoelha e enquanto abre os braços para recebê-los, fecha lentamente os olhos, presentindo o calor confortante de seus corpos macios, portadores daquilo que acreditava ser a própria felicidade.

Ao acordar do sonho, ela viu o ambiente da condução, já quase vazia, e se percebeu imersa no inóspito mundo real. Por aquelas paragens, a metrópole já não apresentava o recorte irregular do urbano, mas um perfil suave e contínuo de casas humildes, separadas por ruas de terra batida, parcamente iluminadas. Ali, apartada da cidade, Maria vivera sua infância, a maternidade precoce, os pais intolerantes, o casamento imposto e também ali, seguia vivendo seu lar modesto: a casa, o marido e o filho único.

Quando desceu da condução e continuou andando durante algum tempo, sob noite alta, até chegar a casa, Maria cumpriria mais um dia ordinário de sua rotina, não fosse aquele pôr-do-sol de horas atrás, que inspirou tantos pensamentos, que tornou curta e singular a viagem de volta, sempre tão monótona. Enquanto caminhava, ela se percebeu estranhamente calma e acreditou estar menos insegura, mais equilibrada; acreditou enxergar o negrume à sua frente, antes amedrontador, com um olhar fixo e determinado. De repente, uma antiga melodia, há muito esquecida, começou a entoar aquele delicioso estado de mansidão, cujas benesses aliviaram o trajeto percorrido à pé e a colocaram menos exausta diante do portão de casa. O muro alto revelava aos olhares imaginários da rua apenas o telhado da casa, deixando encobertas portas e

janelas descascadas, paredes sem cor, a umidade verde-musgo que adornava a parte mais baixa do singelo domicílio, vítima do tempo e do esquecimento, assolado pela falta de cuidado. Assim que entrou nesse lar desgastado, ainda sob o efeito da tranquilidade que lhe acometera, Maria teve vontade de abraçar mais longamente o filho, sempre recluso em seu quarto apertado. Ela teve receio de abrir a porta repentinamente, algo que nunca fizera, mas resolveu cometer esse pequeno atrevimento; mais um pequeno ato de ousadia naquele dia atípico: encontraria o filho sentado à mesinha onde sempre fazia os deveres de casa e além de anunciar sua chegada, como era seu costume diário, lhe daria um abraço demorado. Abriu então a porta, com um tímido sorriso nos lábios, e viu um bilhete sobre a mesinha: “Mãe, desculpa. Fui embora. Eu não aguento mais as surras. Um dia eu volto pra te buscar. Me espera, mãe! Eu vou voltar!”.

No escuro do quarto, Maria não conseguiu evitar o tremor das mãos, o choro quente e silencioso que a colocou novamente cabisbaixa. Lembrou-se de sua visão, lembrou-se daquele pedaço de paraíso que criara, ao qual sempre recorria, e foi subitamente tomada por um enorme vigor, uma esperança eufórica que a fez sorrir convulsivamente em meio às lágrimas. “Obrigado, meu Deus. — disse ela para si — Eu te louvo pelo sonho lindo, pela vida nova. Vou fazer a minha parte e esperar meu filho querido. Quando tudo ficar mais calmo, ele vai me procurar. Sei que vai.”

Maria sentou-se na cama do filho e ali ficou por alguns minutos, contemplando as impressões deixadas por ele: pôsteres pregados nas paredes, o material da escola cuidadosamente

organizado sobre a mesinha, o modesto guarda-roupa devidamente fechado, o radiozinho recostado à cabeceira da cama bem arrumada e uma aura de brandura que iluminava a atmosfera do quarto. Um pouco mais conformada e recomposta, ela saiu dali, olhou as horas e viu que haveria tempo suficiente para preparar o jantar com calma, antes da chegada do marido. Naquele dia da semana, ao retornar para casa, ele sempre parava em algum lugar para beber e chegava tarde. Maria sabia que, neste estado de embriaguez, ele costumava ficar impaciente e para evitar problemas maiores, ela sempre falava o absolutamente necessário, adotando uma postura de total submissão. Ciente do que lhe esperava, tomou um banho quente, mais longo que o habitual, vestiu uma roupa surrada e dirigiu-se à cozinha para tentar transformar, com a habilidade culinária que dispunha, as escassas opções disponíveis em algo minimamente palatável. Conseguiu terminar tudo antes da chegada do marido e ainda houve tempo para ler a Bíblia.

Maria interrompeu o Salmo Quarenta quando ouviu o inconfundível ruído do carro decrépito que o marido costumava usar somente em dias como aquele, quando chegaria de alguma bebedeira. Após estacionar o veículo na garagem, ele caminhou trôpego até a porta dos fundos e invadiu a cozinha de maneira truculenta, balbuciando palavras incompreensíveis. Tratava-se de um homem robusto, corpulento, com o semblante sisudo, carregado por uma espécie de irritação constante. Maria já estava ao fogão esquentando a comida quando o marido se arrastou pela cozinha para ir beber água.

— Cadê o moleque? — perguntou ele, nervoso.

— Vai dormir na casa de um colega — respondeu ela, quase

sussurrando.

— Puta que pariu! — berrou ele, jogando vigorosamente na parede oposta o copo de vidro que segurava — Eu já falei que eu não quero ele dormindo fora de casa, que eu não gosto desses amigos merdas dele.

— Ele não me pediu; só deixou um bilhete.

— Amanhã eu pego ele de jeito, eu pego ele... A janta tá pronta? — perguntou, sentando-se à mesa.

— Tô esquentando.

— Me serve assim mesmo! Eu tô com fome.

Maria apressou-se para pegar um prato e o encheu abundantemente a partir das panelas ainda sobre o fogão. Após dar as primeiras garfadas, o homem deteve-se indignado e fitou a mulher durante alguns segundos.

— Maria, quando eu vou comer alguma comida que preste nessa casa? Quando? — perguntou ele, à meia voz, com olhos perscrutantes, vermelhos de raiva — Você faz isso de propósito, não é? Só pode ser de propósito. Pra fazer um arroz sem gosto como esse aqui, um frango fedido como esse aqui, tem que ser de propósito; a pessoa tem que ser malvada. Eu consigo ver nos seus olhos que você é malvada. Eu sei disso porque minha mãe me batia com esse mesmo olhar feio que você tem. Sua comida é ruim porque você é ruim, porque é uma inútil que nunca vai ser nada; só mais uma mulher malvada no mundo.

Fazendo uso da prudência que adquiriu após anos de agressões, Maria nada respondeu e saiu vagarosamente do campo de visão do marido, indo lavar louças sujas na pia, colocando-se às costas dele. Àquela hora da noite, o silêncio imperava em

toda a extensão do bairro e os habitantes, encafuados em seus problemas, fechados em seus mundos pequenos, concentrados em sua letargia, jaziam nos seus tristes lares, completamente alheios a qualquer manifestação externa de vida. Ao resolver sentar-se à mesa para observar mais de perto o sangue grosso que jorrava do volumoso pescoço do marido a inundar o prato tão duramente criticado, Maria contava com essa indiferença da vizinhança para os eventos que se seguiriam. Até ali, não achou realmente muito trabalhoso surpreender seu agressor por trás, abraçando-lhe a cabeça. Assim, pode cravar com a potência devida uma faca cuidadosamente afiada no lado esquerdo do pescoço e então deslocá-la, em sentido horário, até o direito. Sentada, ela aguardou pacientemente até que cessassem os últimos movimentos convulsivos do marido, debatendo-se ainda à mesa, engasgado em seu próprio sangue. Ao percebê-lo inerte, Maria se levantou e foi até a gaveta do armário, voltando com uma faca maior e com um martelo para carne. Esticou então os braços do marido sobre a mesa e iniciou o laborioso processo de amputação daquelas manzorras fechadas, outrora violentas. Quando terminou, estava exausta e resolveu descansar um pouco.

A derradeira terça parte da noite iniciava quando Maria saiu com o carro, levando o corpo do marido, a fim de sepultá-lo convenientemente em algum lugar obscuro. Retornou horas depois à sua cozinha para providenciar a limpeza adequada e se livrar de qualquer vestígio. Ao encerrar os trabalhos, ela pode perceber os primeiros sinais da aurora e, tendo assistido tão atentamente ao fim do dia anterior, decidiu apreciar o nascimento daquele. A mulher notou que a despedida do

astro foi mais marcante que sua chegada: a primeira se deu em cores mais intensas, mais abundantes, enquanto a segunda apresentou-se afoita, quase negligente.

Com o passar das horas, Maria foi recobrando as emoções anestesiadas na madrugada anterior, a tal ponto que um pânico avassalador, entremeado por espasmos de culpa, a deixou prostrada por dois dias. Nesse período, ela permaneceu deitada na cama do filho, acordada, ao lado da Bíblia e de uma garrafa de água, que abastecia com enorme dificuldade. Finalmente, conseguiu reunir as forças mínimas para reiniciar a dinâmica normal da vida: alimentou-se, verificou se a casa estava em ordem, arrumou-se e saiu. Quando chegou à delegacia, visivelmente abatida, Maria ainda teve forças para registrar a queixa de desaparecimento do marido. A atenção dispensada ao caso pelas autoridades foi proporcional à significância daquele canto longínquo da cidade e os poucos meses que se seguiram foram suficientes para transformar seu marido em alguém que nunca existiu: após alguns esparsos questionamentos, nem as autoridades, nem os parentes, nem os colegas, nem os vizinhos comentavam coisa alguma sobre ele. Assim, com o passar vagaroso do tempo, Maria deixou de se sentir culpada, deixou de se martirizar e de tantas vezes pensar em confessar seus atos escusos. Tornou-se então uma pessoa serena que, vez por outra, sorria e se alegrava com os pequeninos prazeres que a vida lhe concedia. Todas as noites, antes de dormir, ela rezava pela alma do marido e pelo filho querido.

Sozinha, Maria passou a prestar seus serviços de limpeza a um maior número de clientes, a fim de honrar o aluguel da casa

e outros compromissos. Nessa labuta, ela viveu diligentemente vários anos e já não era mais possível perceber em seu rosto as sombras de outros tempos. Não tinha muitas expectativas em relação ao futuro e as poucas que lhe acometiam ela não alimentava. Certa vez, retornando do trabalho, entrou em casa esbaforida, eufórica, ansiosa. Guardou cuidadosamente dentro da bolsa a carta que tinha nas mãos, juntou uma trouxa de roupas numa sacola qualquer, fechou a casa e, aos prantos, correu pela rua, dissolvendo-se no escuro da noite.